

CIÊNCIA DE PONTA GLOBAL

PARCERIAS. Aproximação entre universidades do Rio e empresas, motivada pelo pré-sal, incentiva setor. Mas biotecnologia e energia renovável ainda são incipientes

HENRIQUE GOMES BATISTA
henrique.batista@oglobo.com.br

A revista de ciência para o público geral de maior circulação do mundo, a "Scientific American", está planejando fazer um suplemento especial sobre o Rio no início de 2013. No último processo de seleção de pesquisadores bolsistas do Instituto Nacional de Matemática Pura e Aplicada (Impa), no Jardim Botânico, foram 160 estrangeiros e só dez brasileiros se inscreveram para as quatro vagas. No ano que vem, várias multinacionais inauguram seus centros de pesquisa na cidade. Exemplos como esses mostram um renascimento da pesquisa e da tecnologia do Estado do Rio, que tende a ficar, cada vez mais, nas fronteiras do conhecimento. Mas, para isso, é preciso superar desafios, como transformar em qualidade de vida as inovações criadas, ainda muito restritas à indústria de petróleo e gás, embora especialistas comecem a vislumbrar oportunidades boas em áreas como biotecnologia e energias renováveis, por enquanto com pesquisas incipientes.

Esse movimento — criado com o Parque Tecnológico da UFRJ, administrado pela Coppe — ganhou força com a descoberta do pré-sal. Mas, hoje, o avanço ocorre em diversas áreas. E, embora acredite que a cidade esteja colhendo os frutos do trabalho bem feito na Coppe nas últimas décadas, Maurício Guedes, idealizador e administrador do Parque Tecnológico do Rio, não para de pensar no futuro e em como agregar valor social à ciência, outro desafio.

— Em 2013 vamos fazer um planejamento do Parque Tecnológico para os próximos 30 anos. Acredito que a ciência vai ultrapassar as fronteiras da Cidade Universitária, indo para o entorno e para toda a cidade. O difícil é imaginar as sinergias que podem surgir em 20 ou 30 anos, até porque estamos no caminho certo das parcerias com as empresas. O Brasil sempre se destacou pela produção científica, somos o 13º país com mais publicações, mas fomos fracos em inovação — afirma Guedes.

RIO TERÁ TORRE DA INOVAÇÃO, COM ESPAÇO PARA 100 EMPRESAS

No momento, o Parque tecnológico tem 20 mil metros quadrados de área disponível para empresas e deverá ganhar mais 70 mil metros quadrados em breve. Além disso, quer ver funcionando até 2016 a Torre da Inovação, prédio que poderá receber cem micro e pequenas empresas de inovação. Até o momento, já se instalaram companhias como Baker Hughes, FMC Technologies, Schlumberger, Halliburton, TenarisConfab, BG, EMC, Siemens, Georadar, BR Asfaltos, GE e L'Oréal vão para o Polo Verde, contíguo à Ilha do Fundão:

— O que temos aí é uma concentração de cientistas e pesquisadores que favorece outras empresas a virem para o Rio. São milhares de cérebros juntos, há uma força do ambiente.

Além do Parque Tecnológico, outras empresas, de novos setores, já anunciaram centros de pesquisa na cidade, como a Rolls-Royce, em Santa Cruz; a Clariant Oil Services, na Barra; a Microsoft, na Zona Portuária; e a Sautec, dedicada a pesquisas com células-tronco e doenças cerebrais como Alzheimer e Parkinson, também na Zona Portuária.

— Aqui estamos investindo em conhecimento, estamos produzindo a vacina contra a doença holandesa — brinca Guedes, referindo-se aos problemas que as economias de alguns países sofrem por ficarem dependentes apenas de algumas commodities.

O exemplo da Coppe/UFRJ veio para ficar. Neste momento o Estado do Rio planeja outros três parques tecnológicos: na Universidade Federal Rural do Rio, em Petrópolis e em Macaé. Os projetos começam a ganhar forma:

— Temos muito a crescer, aproveitar sinergias e criar conhecimento que vai garantir um desenvolvimento sustentável para o estado — conta Sérgio Teixeira, superintendente de Inovação da Secretaria de Desenvolvimento Econômico do Estado do Rio.

ATRAÇÃO DE PROFISSIONAIS ESPECIALIZADOS DE FORA

De acordo com ele, o parque previsto na Universidade Rural ficará às margens do Arco Rodoviário, em Seropédica, terá 800 mil metros quadrados e poderá fazer parcerias com órgãos como Embrapa e Emater. Já o polo de Petrópolis será baseado em software e no Laboratório Nacional de Computação Científica, localizada na cidade. O projeto de Macaé, além de estruturado na indústria do petróleo, pretende criar empresas inovadoras em geral, dentro do projeto Macaé Tecnopole.

— Acreditamos que o projeto tem o potencial de garantir uma sobrevivência digna a Macaé quando os recursos do petróleo começarem a cair. Temos condições de ser um polo inventivo — afirmou Dr. Aluizio (PV), prefeito eleito da cidade, comprometendo-se com o projeto, mas sem dar uma data para sua inauguração.

O secretário estadual de Ciência e Tecnologia do Rio, Luiz Edmundo Costa Leite, afirma que o modelo para esses polos é o da Ilha do Fundão,



Concentração. Parque Tecnológico na Ilha do Fundão: área para empresas passará dos atuais 20 mil para 90 mil km²



Alta tecnologia. Estudante na sala de visualização estereoscópica do Impa: a sensação de pilotar uma aeronave

“

“Aqui estamos investindo em conhecimento, estamos produzindo a vacina contra a doença holandesa”

Maurício Guedes

Administrador do Parque Tecnológico do Rio

“Estamos pagando R\$ 7,5 mil de bolsa, um valor maior que na Europa. Temos um nome firme, as pessoas têm interesse em vir para cá”

César Camacho

Diretor do Instituto Nacional de Matemática Pura e Aplicada (Impa)

mas aproveitando as peculiaridades de cada região. Embora reconheça que o petróleo e o gás vão liderar o movimento pela inovação no Rio, ele aponta segmentos com grande potencial:

— Acreditamos que temos boas oportunidades em biotecnologia e energia, em especial energia renovável. Temos de incentivar essas inovações, que têm o potencial de alterar a vida cotidiana do cidadão — diz Costa Leite, lembrando a importância de entidades como Fiocruz e Inmetro para o desenvolvimento tecnológico do estado nos próximos anos.

César Camacho, diretor do Impa, disse que sente na instituição o interesse que o Rio está gerando na comunidade científica internacional. Ele conta que, na última seleção para pesquisadores, houve muito mais interesse de estrangeiros com doutorado que de brasileiros:

— Estamos pagando R\$ 7,5 mil de bolsa, um valor maior que na Europa. Temos um nome firme, as pessoas têm interesse em vir para cá e agora estão chegando, principalmente depois da melhoria na segurança pública da cidade. Um desafio é atrair cérebros do exterior, e acredito que o Impa está avançando nessa direção.

Mas não são só os centros de pesquisa que atraem cérebros de fora. As empresas também aumentam a diversidade de formação. Gabriela Lessa, do Veirano Advogados, conta que ter fechado 500 contratos de trabalho para estrangeiros até o terceiro trimestre deste, mais que o total de 2011. E 86% destes foram para o Rio.

— O setor de petróleo e gás lidera, seguido dos profissionais de TI — diz Gabriela. ■